

VILÉM FLUSSER

Modelo para crítica estética de textos.

(1) Que "textos escritos" sejam não importa que fenômenos a respeito dos quais sabemos ou suspeitamos que são compostos de símbolos significando elementos de alguma língua falada. Há pelo menos três maneiras de encará-los: (a) A que visa analisar a mensagem que o texto comunica. (b) A que visa analisar a estrutura que ordena os símbolos dentro do texto. (c) A que visa analisar o efeito que o texto tem sobre o receptor da sua mensagem. Podemos chamar (a) de "atitude semântica", (b) de "atitude sintática", e (c) de "atitude pragmática ou estética", e podemos afirmar que as três atitudes, em seu conjunto, podem resultar na compreensão do texto. A conjunção das três atitudes é necessária, por que os três aspectos de textos que revelam interdependem. A mensagem depende da estrutura, e a estrutura da mensagem. O efeito depende da mensagem, e a mensagem depende do efeito que visa. O efeito depende da estrutura, e a estrutura depende do efeito visado. A tentativa de separar as três atitudes, e de estabelecer hierarquia entre elas, não parece pois ser muito útil. A atual tendência formalista de querer salientar análises sintáticas como "fundamentais" (por serem as mais rigorosas), é tão duvidosa quanto o é a tendência romântica de querer salientar análises estéticas como "fundamentais", (por serem pragmáticamente decisivas). Toda atitude perante determinado fenômeno visa compreendê-lo no sentido de visar provocar aspectos de sua essência, e a sua eficiência é dada pela maneira como o fenômeno responde à provocação inerente na atitude. Determinados textos respondem melhor à atitude semântica, (por exemplo textos científicos), outros respondem melhor à atitude sintática, (por exemplo textos demagógicos), e mais outros melhor à atitude estética, (por exemplo poesias). Mas todo texto se revela inteiramente apenas se as três atitudes incidirem sobre ele.

A riqueza concreta de não importa qual fenômeno, (e mais ainda de fenômenos tão complexos quanto o são textos), não permite atitude passivamente contemplativa se a sua compreensão fôr visada. Quem quiser captar a essência do fenômeno deve procurar contorná-lo para vê-lo de vários pontos de vista. É preciso andar em torno do fenômeno, e as três atitudes acima mencionadas são três pontos de vista oferecidos por textos quando são contornados. Mas é importante constatar que, uma vez penetrado o texto de não importa qual dos pontos de vista, a utilidade das três atitudes cessa. A penetração do texto isto é a compreensão da sua essência, supera dialécticamente as três atitudes por "Wesensschau" imediata. Tal visão imediata é a meta de toda crítica de textos. Continuando verdade, no entanto, que as três atitudes são indispensáveis como estágios preparatórios para a penetração de textos.

(2) Cada qual das três atitudes impõe método distinto. Com efeito: é o próprio texto que impõe os três métodos, na medida na qual vai revelando seus três aspectos. A atitude sintática impõe o método-estruturalista. A atitude semântica impõe o método heurístico. O método imposto pela atitude estética ainda não foi elaborado.

O método estruturalista dispõe de instrumentos refinados, elaborados

VILÉM FLUSSER

Na escola linguística de Praga, pelo círculo de Viena, por Saussure, e pelos formalistas americanos. A teoria da interpretação permite quantificação dos seus resultados. A leitura de textos que recorre a tal método passa pois a ser leitura disciplinada. Ultrapassa a fase "intuitiva" que caracteriza todo método primitivo. Isto explica a preferência que muitos têm atualmente por este tipo de "close reading".

O método heurístico dispõe de instrumentos muito mais rudimentares, e até a sua terminologia ainda não foi satisfatoriamente elaborada. A despeito de certos trabalhos, (por exemplo os de Gadamer), trata-se ainda de "descobrir os significados dos textos, de forma que leituras que recorrem a este método ainda "interpretam textos", fazem a sua "exegese" num sentido praticamente medieval do termo. Embora existam tendências para disciplinar leituras semânticas graças à teoria dos códigos, à teoria da decisão, e outras, os resultados de tais leituras continuam ainda sendo em grande parte subjetivos. Em suma: embora o método heurístico seja atualmente aceite universalmente, (inter-subjetivamente), os seus resultados continuam altamente subjetivos.

A atitude estética não dispõe de método para a sua leitura de textos. Estamos ainda relegados à pura "intuição" e a um empirismo primitivo. O resultado disto é que não existe sequer consenso quanto ao campo de competência deste tipo de leitura. Uns procuram articular a dimensão estética do texto psicologicamente, e utilizam métodos gestaltistas, freudianos, e outros. Outros procuram articular a dimensão estética de textos fisiologicamente, e procuram medir o efeito que textos têm sobre os nervos óticos e auditivos dos seus receptores. Mais outros procuram articular a dimensão estética de textos filosoficamente, e recorrem a terminologia existencial, marxista, e outras. E há finalmente os que se limitam, mais ou menos honestamente, a exclamações do tipo "gosto deste texto e detesto este outro!". O último método, (se é que se trata de método), caracteriza a grande maioria da atual crítica de arte.

Eis pois a situação atual de leitura de textos: Podemos analisá-los satisfatoriamente quanto à sua sintaxe. Podemos interpretá-los semanticamente por método universalmente aceite, mas insuficientemente refinado para trazer resultados universalmente aceitáveis. E não dispomos de método para analisá-los esteticamente. Tal situação é insustentável, e explica, em parte, a atual "crise de valores estéticos e da poesia". Explica tal crise, e também decorre dela. A falta de método estético revela um círculo vicioso no qual a leitura, (e conseqüentemente a composição) de textos gira atualmente.

(3) O presente ensaio procurou definir a dimensão estética, (ou pragmática), de textos como o efeito que o texto provoca nos seus leitores. Isto decorre da etimologia do termo "estético" que implica "sensação" ou "experiência vivida". Textos provocam nos leitores uma espécie de vibração, (simpatia ou antipatia), que por sua vez resulta em determinado comportamento. Pois isto parece estar a cruz do problema. A atitude estética concebe textos

VILÉM FLUSSER

provocações de determinados comportamentos nos seus leitores.

Para as atitudes semântica e sintática textos são mensagens discursivas. Comunicam informação indicativa ou imperativa. Para a atitude estética textos são mensagens dialógicas, no sentido de visarem respostas. Convidam à atitude responsável por parte de seus leitores. Provocam paixão e ação, não, como fazem discursos, reação passiva. (Rilke diz que a mensagem do torso de Apolo é: "deves modificar tua vida!") Portanto não são nem indicativas, nem imperativas, mas "propostas abertas". São dialógicas, isto é: adquirem "Gestalt" apenas pela resposta que provocarem. (As sinfonias de Mozart adquirem "Gestalt" nas sinfonias de Beethoven, e poesias de amor não são articulação de uma vivência amorosa, mas respostas à outras poesias de amor precedentes.) Por isto a "história da arte" não é discursiva e progressiva, (como o é a história política e científica), mas é diálogo ativo e apaixonado.

Isto explica um importante malentendido. Moles, (e outros), confundem a dimensão estética de textos com o parâmetro conotativo que projetam. É verdade que certos textos não apenas "denotam" significados, mas sugerem, ganhas mais ou menos amplas de "significados conotados". Tais ganhas permitem aos leitores várias possibilidades de interpretação, e isto pode ser chamado de "liberdade interpretativa". Moles confunde tal liberdade exegética com a liberdade estética de responder a textos. Mas isto é erro. A liberdade exegética é abertura para recepção variada de mensagens. (Por exemplo: é a liberdade para comentar a Bíblia de várias maneiras.) Mas a liberdade estética é abertura para responder à mensagem recebida. (Por exemplo: é a liberdade de viver de várias formas com a mensagem que a Bíblia transmite.) Não resta dúvida: as duas liberdades estão inter-relacionadas. Mas não resta dúvida, tão pouco, que análises de conotações não são análises estéticas, mas semânticas, e que tais análises não atingem a dimensão estética de textos. De forma que a tentativa de Moles, (e de outros), para utilizar métodos comunicológicos na análise estética ~~não~~ é falha. Os escritos "estéticos" de tais pesquisadores abrem horizontes semânticos muito importantes, mas como pesquisas estéticas não satisfazem, já que o fenômeno estético lhes escapa.

O campo de competência da crítica estética de textos parece ser pois aquela no qual textos revelam os seus aspectos dialógicos, isto é: exigem resposta por parte de seus leitores. Pois aí está o problema. Indubitavelmente tais respostas a textos são subjetivas, porque nisto reside a liberdade dialógica, que é a essência da dimensão estética de textos. Mas será que isto implica que a crítica, ela também, deve ser necessariamente subjetiva? Ou não será o caso que a crítica estética é um meta-discurso das respostas, e pode ser portanto objetivo? Isto é: discurso significativo para todos, não importa como respondem a determinado texto? Se tal discurso não for possível, a cri

VILÉM FLUSSER

tica estética está condenada a emitir juízos subjetivos do tipo: "gostei ou não gostei", e "de gustibus non est disputandum". No máximo poderá fazer estatística empírica de gostos, e dizer que tal texto é melhor que tal outro, porque o número dos que gostaram dele em determinado momento e lugar parece ser maior que o número dos que gostaram do outro texto. Em tal caso seria mais honesto abandonar toda tentativa de valorar textos. Mas se um discurso objetivo for possível pelo menos em tese, (e isto parece ser o caso, já que crítica não é resposta a textos, mas discurso sobre respostas), métodos para tal discurso de ver ser elaborados.

(4) A questão toda gira em torno do seguinte: Há, ou não há, características objetivamente inerentes em textos e que se revelam quando estes forem submetidos a análises estéticas? Se os há, devem poder fornecer categorias objetivas para críticas estéticas do futuro. Se não, devemos admitir que não importa qual juízo estético de textos é objetivamente insignificativo. O método fenomenológico pode servir para disciplinar a pergunta. Da seguinte forma: se pôrmos todos os nossos conhecimentos e pré-conceitos relativos à textos escritos entre aspas, se contemplarmos os textos escritos com total ingenuidade, e se permitirmos a tais textos que nos falem dialógicamente, o que é que os textos nos dizem? Em outros termos: como falam textos para com os quais suspendemos todo conhecimento, e para com os quais nós nos abrimos enquanto parceiros de um diálogo a ser iniciado?

Os textos falam como superfícies chamadas "páginas" que são cobertas de formas relativamente pequenas, dispostas em linhas horizontais com intervalos regulares. Com efeito: a "Gestalt" da superfície coberta por linhas compostas de formas pequenas é a que evoca em nós o reconhecimento de "Texto". Se encontramos tal "Gestalt", assumimos um comportamento específico: seguimos com os olhos as linhas compostas das formas da esquerda para a direita, e da linha superior para as linhas inferiores. A tal comportamento chamamos "leitura". E tal comportamento se apresenta como objetivamente dado pelo texto, no sentido no qual podemos dizer que sem ele o fenômeno não é texto. Com efeito: tão objetivo é este característico que podemos afirmar o seguinte: se o mesmo fenômeno provocar o comportamento chamado "leitura" num determinado observador, e não em outro, tal fenômeno é objetivamente texto para o primeiro observador, e objetivamente não é texto para o outro. Pois tal característico objetivo fornece norma para críticas estéticas de textos. Há textos "normais" que provocam leituras "normais", (isto é: movimentos dos olhos que seguem a página da forma descrita), e textos que se desviam da norma. Os desvios podem ser objetivamente constatados e escalados, e teremos critério para ordenar todos os textos pelo critério estético da "normalidade da leitura". Trata-se de critério visual, e a experiência estética assim criticada é experiência semelhante à provocada por desvios. As anormalidades na leitura, (irregularidades de formas, linhas, etc.) serão carga estética objetiva visual dos textos.